

Estudo lexical dos nomes de sintomas e de doenças nos séculos XVII e XVIII: comparação entre o português e o francês

(Étude lexicale des noms de symptômes et de maladies aux XVII^e et XVIII^e siècles: comparaison entre le portugais et le français)

Mariana Giacomini Botta¹

¹GMHP – Grupo de Morfologia Histórica do Português (DLCV – FFLCH/USP)
Faculdade de Ciências e Letras de Araraquara (FCL/CAr – Unesp)
Université Paris 3 Sorbonne Nouvelle

marianabotta@gmail.com

Résumé : Le but de cette étude est la vérification et l'analyse de quelques unités lexicales appartenant à la terminologie de la médecine aux XVII^e et XVIII^e siècles. Même si à l'époque la médecine s'élevait encore en science, certains termes décrivent les symptômes, les maladies, les diagnostics, les traitements et les médicaments s'utilisaient déjà couramment. Pour étudier ces emplois, nous nous basons sur un corpus de textes de la *Gazeta de Lisboa*, entre 1715 et 1800, et de la *Gazette de France*, entre 1631 et 1786. Étant donné que l'échange d'informations entre les pays et que la traduction des nouvelles étaient des pratiques quotidiennes dans les journaux de l'époque, la présente analyse de la transition des termes de la médecine entre deux langues de pays différents, dans un contexte où les études sur santé se constituaient en science, semble intéressante et utile aussi bien en ce qui concerne la terminologie, que la traductologie et la linguistique historique.

Mot-clés: Linguistique historique; terminologie; médecine; gazettes; XVII^e et XVIII^e siècles.

Resumo: A proposta deste trabalho é a verificação e a análise de algumas das unidades lexicais que integram a terminologia da medicina nos séculos XVII e XVIII. Embora naquela época a medicina ainda estivesse se estabelecendo como ciência, termos que designam sintomas, doenças, diagnósticos, tratamentos e medicamentos podem ser observados em uso na linguagem corrente. Para se estudar esses usos, trabalha-se com unidades extraídas de um *corpus* formado por textos da *Gazeta de Lisboa*, entre 1715 e 1800, e da *Gazette de France*, entre 1631 e 1786. Considerando-se que a troca de informações entre países e que a tradução de notícias eram práticas cotidianas das gazetas daquela época, o estudo sobre a transição de termos da medicina entre as línguas de duas diferentes nações, em um período em que os estudos da saúde se constituíam como ciência, mostra-se interessante e útil tanto para a terminologia, quanto para a tradutologia e para a linguística histórica.

Palavras-chave: Linguística histórica; terminologia; medicina; gazetas; séculos XVII e XVIII.

Introdução

A medicina é uma das mais antigas atividades do homem, e estima-se que tenha surgido entre 460 e 377 a.C., com Hipócrates, que é considerado o pai da medicina. Na Idade Média, a arte de curar ficava a cargo de religiosos e de barbeiros, estes últimos por saberem lidar com a navalha e, assim, poderem drenar abscessos. Foi somente a partir da Era Moderna que surgiram pessoas que se ocupavam apenas da saúde humana.

Nos séculos XVII e XVIII, não apenas a medicina, mas também a química e a farmácia ainda não estavam estabelecidas como ciência e baseavam-se em conhecimentos empíricos e supersticiosos, mesclando-se à alquimia. O surgimento de estudos sobre as drogas medicinais

que eram levadas da Índia e da América e também sobre a importância da higiene na prevenção de epidemias contribuiu para a mudança desse panorama.

Com o surgimento das primeiras gazetas impressas, a partir da segunda metade do século XVI, notícias de conteúdo médico começaram a ser publicadas, e uma parcela da população passou a ter acesso a termos pouco usados anteriormente. Isso pode ser verificado nas páginas de jornais impressos dos séculos XVII e XVIII, como o francês *Gazette de France*, e o português *Gazeta de Lisboa*.

Naquele tempo, em que os regimes monárquicos dominavam o cenário político da Europa, a vida pessoal de reis, imperadores e religiosos era de interesse geral. Considerados como fatos políticos, os relatos sobre a saúde dos monarcas são recorrentes nestas publicações, e termos como febre, médico, enfermo, doença/enfermidade, parto/nascimento, entre outros, integram seus textos.

Com o objetivo de fazer um levantamento de quais eram esses termos e estudar seus usos, propõe-se nesse trabalho uma análise da terminologia da medicina neste período¹, usada em textos informativos publicados nos primeiros jornais impressos da França e Portugal: a *Gazette de France*, que surgiu em 1631, criada por Théophraste Renaudot, e a *Gazeta de Lisboa*, publicada a partir de 1715 sob a direção de José Freire de Monterroyo Mascarenhas. Os dois veículos de comunicação informavam sobre acontecimentos de toda a Europa e também da Ásia, África e América. As notícias eram produzidas por uma rede de correspondentes espalhados por diversas localidades e também eram traduzidas de gazetas de outros reinos.

Conjunto das unidades lexicais disponíveis de uma língua, o léxico é um inventário aberto, que se amplia na medida em que as comunidades linguísticas aperfeiçoam seus conhecimentos sobre a realidade e criam novas técnicas e ciências. Desta maneira, o léxico de uma comunidade documenta e acumula o conhecimento humano partilhado por uma sociedade.

A sofisticação do conhecimento humano e o desenvolvimento científico têm como resultado o surgimento de sistemas léxicos complexos, que são chamados de terminologias. Estas são uma necessidade do desenvolvimento das ciências, que precisam de novos termos para nomear os conceitos que surgem, o que resulta também na ampliação do repertório de signos lexicais de uma língua. Assim, entende-se a terminologia como um conjunto de termos rigorosamente definidos, que são específicos de uma ciência, de uma técnica, de um domínio particular da atividade humana.

Para evitar ambiguidades e mal-entendidos, toda ciência necessita de um conjunto de termos, definidos com rigor, por meio dos quais ela procura designar as noções que lhe são úteis. Em linguística, a terminologia é a disciplina que estuda sistematicamente a rotulação e a designação de conceitos particulares a um ou vários assuntos ou campos de atividade humana, por meio de pesquisa e análise dos termos em contexto, com a finalidade de documentar e promover seu uso correto. Portanto, a terminologia tem por objeto teórico as denominações dos objetos ou conceitos utilizados pelos diferentes domínios do saber,

¹ Este artigo, que traz o tema tratado em simpósio durante o 60º Seminário do GEL, é uma versão resumida e revisada do trabalho apresentado no evento “Traduction, terminologie, rédaction technique : des ponts entre le français et le portugais. En hommage au Professeur Armelle Le Bars, nos dias 13 e 14 de janeiro de 2011, em Paris, França.

o funcionamento na língua das unidades terminológicas, os problemas de tradução, de classificação e de documentação dessas unidades. Consiste ainda no estudo da escolha e dos usos dos termos que fazem parte dos vocabulários especializados. Em terminologia, entende-se um termo como a combinação indissociável de uma denominação e um conceito.

Durante todo o processo de desenvolvimento e de estabelecimento da medicina como ciência, uma linguagem própria foi desenvolvida, e esta até hoje é muitas vezes mal compreendida pelos leigos. Isso se deve ao fato de os termos médicos, além de serem formados a partir de radicais, prefixos e sufixos gregos e latinos (na sua maioria), ainda provêm (em menor número) de elementos vernáculos ou procedentes de outros idiomas. Considerando-se que a tradução era prática corrente nas gazetas dos séculos XVII e XVIII, acredita-se que um estudo sobre a transição de termos da medicina entre duas línguas de dois diferentes países, em um período em que os estudos da saúde se constituíam como ciência, seja interessante e útil tanto para a terminologia, quanto para a tradutologia e para a linguística histórica. Trabalha-se com uma terminologia de orientação descritiva, fundamentada pelos princípios da linguística, como a desenvolvida por Cabré (1999) e na perspectiva da socio-terminologia, definida, entre outros, por Gaudin (2003).

Composição do *corpus*, recolha das unidades e metodologia de análise

As unidades em análise foram extraídas de um *corpus* formado por textos 12 edições do jornal *Gazeta de Lisboa* (entre 1715 e 1800) e 14 edições da *Gazette de France* (de 1631 a 1786), ou seja, abrangendo os anos finais do século XVII e todo o século XVIII. Foram encontradas mais de 80 unidades que designam noções que fazem parte da linguagem médica da época, entre sintomas, tratamentos, procedimentos e nomes de doenças. Destas, foram selecionadas 12 unidades, dez delas designando doenças, escolhidas devido à sua proximidade semântica e à existência de correspondência entre as línguas portuguesa e francesa.

Cada uma das unidades selecionadas foi analisada separadamente e o seu emprego nos contextos dos quais foram retiradas foi comparado com as informações de dicionários da época. Foram consultados o *Dictionnaire de la langue française*, de Émile Littré (1863, 1ª edição), o *Thresor de la langue françoise, tant ancienne que moderne*, de Jean Nicot (TLF, 1606), o *Dictionnaire de l'Académie française* (1694; 1762; 1798 – 1ª, 4ª e 5ª edições), o *Vocabulario portuguez & latino*, de Raphael Bluteau (1712 – 1728) e o *Diccionario da lingua portugueza*, de Antonio Moraes Silva (1813).

O estudo da terminologia a partir de um *corpus* histórico de língua corrente

A Terminologia é uma disciplina inter e transdisciplinar, que se encarrega da tarefa de analisar a expressão lexical formal da organização dos conhecimentos científicos, técnicos e tecnológicos, ou seja, os termos técnico-científicos.

O termo, ou unidade terminológica, é um componente constitutivo da produção do saber que possui características que favorecem a precisão vocabular da comunicação técnico-científica. Qualquer unidade lexical pode se tornar um termo quando se adapta aos propósitos de uma determinada área do saber. Além disso, deve-se considerar que os termos sofrem os mesmos processos e transformações típicos do sistema linguístico, equiparando-se, assim, a uma unidade do léxico comum.

Embora os estudos terminológicos geralmente focalizem o funcionamento dos termos no momento presente, estudar o léxico de uma língua, e de uma língua de especialidade, em um determinado período pode permitir a captação de parte de sua história, que é alterada a todo momento pela dinâmica da renovação lexical. Para Baudet (1988, p. 856), a perspectiva diacrônica é fundamental aos estudos terminológicos, pois só é possível se estudar as línguas das ciências estudando o seu desenvolvimento. Por se ocupar com o estudo dos termos, a Terminologia trabalha com vocábulos que veiculam significações socialmente regulamentadas e inseridas em práticas institucionais.

Desta forma, segundo Gaudin (2003, p. 11), “o estudo diacrônico dos termos diz respeito à história das ciências, das técnicas, dos discursos socialmente regulamentados e à história das ideias”. Assim, ainda segundo este autor, os termos são ao mesmo tempo denominações e instrumentos de trabalho e de conceptualização, e “são tomados em momentos discursivos e históricos que alteram seus sentidos e os inscrevem na gênese e na transformação dos conhecimentos e do mundo” (GAUDIN, 2003, p. 205).

Análise dos dados

Por meio da leitura dos textos do *corpus* e da delimitação do objeto de estudo às unidades usadas na denominação de doenças, constatou-se que duas noções são fundamentais para se entender qual era o conhecimento da época sobre o funcionamento do corpo humano e sobre a ocorrência de doenças. Apesar de não designarem propriamente doenças, as unidades **humor** e **vapor** faziam parte da terminologia da medicina da época e estavam na base das crenças sobre como e porque as doenças afetavam os corpos.

A unidade **humor** possuía sentido distante do atual e, em contextos com temática sobre a saúde, referia-se, ainda seguindo a teoria hipocrática, aos líquidos e fluidos presentes no corpo humano, como o sangue, a saliva, a lágrima, o leite e o esperma, entre outros, como pode ser visto na ocorrência:

- (1) Ex. e. Rev. Arcebispo Bispo do Algarve lançou do braço copia de **humor** sanguineo. (GDL,² 3 de abril de 1755)

Esse significado era o mesmo tanto em português quanto em francês, como apontam os dicionários da época:

[...] líquida substância nas plantas ou nos corpos dos animais [...] pelo humor não se entende apenas os quatro humores do corpo, como é o sangue, fleuma, colera e melancolia, mas todas as mais humanidades, como o leite e o esperma e ainda os humores recrementicios como é a saliva, as lagrimas, o soro do sangue, os quais ou por copia ou por vicio ofendem a saude. (BLUTEAU, 1712-1728)

Substance liquide sécrétée par un organisme vivant; Liquide normalement présent dans un organisme vivant, généralement humain ou animal (sang, salive, p. ex.). (TLF, 1606)

A partir desse conhecimento, pensava-se que a maioria das doenças era causada pelo excesso ou pela degeneração dessas substâncias nos corpos, como afirma Bluteau:

² A sigla GDL é usada neste artigo para indicar os exemplos extraídos do *corpus* da *Gazeta de Lisboa*.

[...] que por copia ou por vicio ofendem a saude. Por vicio quando o sangue é demasiado, sobejando nas veias, a fleima obstruindo os poros, o soro redundando por todas as veias. Por vicio quando o sangue apodrece, a fleima é salgada, a colera e a melancolia é podre ou requeimada, o esperma corrupto, o soro viciado, o leite grumoso, a saliva salgada, a urina acre, as lagrimas mordazes. (BLUTEAU, 1712-1728)

Pelas ocorrências do *corpus*, percebe-se que, ao contrário, a unidade **vapor** era usada para designar um tipo de sintoma:

- (2) Hum agradável, e eficaz remedio, entre todos os mayores, para defender o coração de todos os **vapores**, melancolicas, ancias, desmayos, palpitaçoens, e de toda outra malignidade de que for acometido [...]. (GDL, 5 de julho de 1725)

No dicionário de Bluteau (1712-1728), no verbete **vapor** encontra-se a seguinte informação: “nos animais se levanta do estômago e dos intestinos vapores, que ofendem o cérebro”, o que levaria a crer se tratar de gases / flatulência. Mas o Dicionário da Academia Francesa (1694; 1762; 1798) mostra que não se conhecia ao certo o que eram os tais vapores: “Exhalaison supposée monter du sang et des autres humeurs jusqu’au cerveau (ex. vapeur maligne); Étourdissements, vertiges, migraines, malaises divers”.

Além dessas duas unidades, foram selecionadas outras dez unidades, designando nomes de doenças, a maioria, acreditava-se, era causada pela desordem dos **humores** no corpo ou pela ocorrência dos **vapores**. A lista desses termos pode ser verificada a seguir:

Tabela 1: Nomes de doenças que ocorrem nas gazetas dos séculos XVII e XVIII³

Português	Francês
fluxo / defluxo	fluxion
Hemorragia	hémorragie
Gota	goutte / podagre
Apoplexia	apoplexie
Gonorreia	gonorrhé(e) / verole
Bexigas	petite verole / pourpre
Tisica	phtisie
sezonismo / febre terçã	fièvre tierce
pedra nos rins	pierre dans les reins / calcul rénal
Aborto	avortement / fausse couche / couche avant terme

Sabe-se que a maioria dessas doenças e sintomas já eram conhecidos e eram descritos desde a antiguidade. O interesse deste trabalho está em observar como este conhecimento era exposto nos primeiros jornais impressos e nos dicionários dos séculos XVII e XVIII. As análises das unidades são apresentadas nas seções seguintes.

³ Em alguns casos, mesmo sem ter sido encontrada a mesma ocorrência nas publicações dos dois países, foi estabelecida a correspondência na outra língua de acordo com os dados encontrados nos dicionários da época já citados.

Fluxos e fluxões

Por **fluxos** e **fluxões** designavam-se diferentes tipos de doenças e sintomas, que vão desde inchaços localizados, inflamações e tumores a diarreias, como pode ser visto pelos excertos extraídos do *corpus*:

- (3) [...] aquelles, que servem para curar zunidos dos ouvidos, dor de dentes, gonorrhœas, morreimas, **fluxos** de sangue, preservar de aborto, vertigens, dores de cabeça, confortar os nervos, desfazer tumores, confortar, e fazer alvos os dentes, rebater os vapores do utero, provocar os mezes, matar lambrigas, etc. (GDL, 5 de julho de 1725)
- (4) Il est entièrement delivré de la fièvre, & la **fluxion** sur la main droite est fort diminuée, de sorte qu'il pourra estre en estat de signer bien tost. (GDF, 02 de janeiro de 1700)
- (5) [...] mais la nuit du Dimanche il se trouva incommode d'un **flux** de ventre, qui luy causa une fièvre assez forte. (GDF, 04 de setembro de 1700)

Segundo os dicionários consultados, **fluxão** era a “transmissão de humor de uma parte a outra ou descarga de humores, que redundando nos vasos, caem em alguma parte do corpo”, ou ainda, “fluxo de humores supérfulos que a natureza descarrega por câmaras ou diarreia” (BLUTEAU, 1712-1728); “correnteza ou corrente de liquido ou humor que corre para alguma parte do corpo” (MORAES SILVA, 1813); “Écoulement d'humeurs malignes sur quelque partie du corps” (DAF, 1762); “Afflux de sang ou d'autres liquides sur certains tissus qui se tuméfient. Inflammation de la paroi thoracique, de la plèvre et du poumon; Gonflement inflammatoire des gencives ou des joues provoqué par une infection dentaire” (TLF, 1606).

Hemorragia

Nos dicionários consultados, **hemorragia** se refere à perda de sangue, principalmente pelo nariz ou gengivas. No *corpus*, foi encontrada a seguinte ocorrência:

- (6) Escrevem de Halifax que em Harley Green, perto daquela cidade, se descubrio ha pouco huma nascente de agua mineral, de que se espera resulte grande utilidade: he ella muito ferrea, e parece sera efficaz contra as relaxações da fibra, **hemorragias**, fiatos. (GDL, 16 de fevereiro de 1790)

É interessante ressaltar que os dicionários já trazem a informação de se tratar de um termo da medicina. Neles encontram-se as seguintes informações: “perda de sangue por qualquer parte do corpo” (BLUTEAU, 1712-1728); “fluxo de sangue” (MORAES SILVA, 1813); “Écoulement de sang à la suite de la rupture d'un vaisseau sanguin” (TLF, 1606); “Perte de sang par le nez, par une plaie” (DAF; 1762).

Gota

A **gota** é uma doença muito antiga, descrita desde o Império Romano e, no século V a.C., Hipócrates utilizava o nome podagra para designar este mal⁴. A partir do século IX, a **gota** passa a ser a designação de qualquer humor nocivo destilado nas juntas e nos órgãos, e apenas a partir do século XV corresponde ao que era conhecido por podagra, substituindo esse termo durante o Renascimento em quase todas as línguas europeias. No

4 Informação extraída de: Bouret, Treves e Marc (2009).

século XVII, o francês Guillaume de Baillou⁵ (1583-1616) distingue a **gota** do reumatismo e da artrite e, em 1683, o médico inglês Thomas Sydenham (1624-1689) descreve a doença em seu *Tractatus de Podagra et Hydrope*.

As ocorrências encontradas no *corpus* provam se tratar de uma doença conhecida na época, pois não são fornecidas maiores informações sobre ela nos textos:

- (7) Il commença néanmoins des le 19, a estre considerablement soulagé, & présentement on assure qu'il est entièrement sans fièvre & comme la fluxion a commencé à se jeter sur la main & sur les genoux, on espere que ce nouvel accident pourra finir par une attaque de **goute**. (GDF, 16 de janeiro de 1700)
- (8) Sua mag. chr. ha muytos dias que se acha molestado de **gota**, & de dores de siatica com tanta força, que lhe interromperão o sono algumas noytes, & o obrigaraõ a estar na cama [...]. (GDL, 28 de setembro de 1715)
- (9) O Emperador teve a 8 deste mez hum ataque de **gota**, mas tam ligero, que no dia seguinte se achou em estado de poder ir a caça. (GDL, 3 de março de 1740)
- (10) Ces jours derniers, le Souverain Ponifice, a eu une légère attaque de **goutte**, mais ils ne s'en ressent plus actuellement. (GDF, 28 de março de 1768)

Nos dicionários da época também se encontram informações sobre esta enfermidade: “doença causada de acrimonia do humor que cai nas juntas e faz muita dor [...]; todo mal da gota procede das gotas do humor que corre e se embebe nas juntas” (BLUTEAU, 1712-1728); “doença que consiste em fixar-se nas articulações das mãos ou pés o humor grosso e cru que a natureza arroja às extremidades do corpo” (MORAES SILVA, 1813); “La goutte és pieds, Podagra” (TLF, 1606); “Fluxion acre & douloureuse qui tombe ordinairement sur les jointures” (DAF; 1762).

Apoplexia

Apoplexia é o termo em desuso para o que hoje se conhece por acidente vascular cerebral (AVC), e pelo número de ocorrências no *corpus*, percebe-se que era um mal bastante comum nos séculos XVII e XVIII.

- (11) Faleceu em 19 do propio mez nesta Cidade, de huma **apoplexia**, depois de 21 dias de doença, em idade de 75 annos, o Dezembargador Eleuteiro Collares de Carvalho [...]. (GDL, 3 de março de 1740)
- (12) A Rainha D. Marianna de Neuburgo, viuva delRey Carlos II se acha já livre do accidente de **apoplexia**, que padeceo, e dava cuidado. (GDL, 4 de janeiro de 1725)
- (13) [...] noticia de haver alli falecido a 2 mons. Pociey, gram general de Lithuania de hum accidente de **apoplexia** [...]. (GDL, 9 de março de 1730)
- (14) [...] o Cardeal Joam Bautista Altieri havendo tido segundo accidente **apopletico** falecera no mesmo dia 12 [...]. (GDL, 12 de maio de 1740)
- (15) [...] est mort hier en cette Ville, des suites de l'**apoplexie** dont il avoit été atteint il y a quelque temps. (GDJ, 25 de janeiro de 1768)

5 Informação obtida no site *Arthrolink*, na seção *Osteoarthritis Encyclopaedia*. Disponível em: <<http://www.arthrolink.com/eng/actualites/dossier-la-une/tous-les-dossiers/tous-les-dossiers-la-une/arthrose-dans-l-histoire-parti-4>>.

- (16) Não deixa de ser huma cousa curiosa o saber as diversas especies de enfermidades, que os causarão: 914 pessoas morrerão de bexigas, 462 de dentação, 612 de convulsões, 122 de catarraes, 42 mulheres sobre parto, 142 de febre quente, 119 de febres podres, 28 de hemorragias, 492 de molestias de peito, 1054 de tísica, 53 de hydropisia, 144 de asfyxia, 412 d'apoplexia, 25 de cancos, 15 de melancolia, 242 de velhice, &c. (GDL, 19 de fevereiro de 1790)

Pelas definições encontradas nos dicionários também é possível perceber se tratar de uma doença que era frequente e conhecida: “é um mal que, como um raio, fere e derruba subitamente. é uma obstrução dos ventriculos do cerebro, que tapando as artérias do rete mirable, impede as vias dos espiritos que sobe ao coração e tira de repente o movimento” (BLUTEAU, 1712-1728); “ataque do cerebro que se priva logo da sensibilidade e movimento com ronquido e dificuldade de respirar” (MORAES SILVA, 1813); “Maladie qui attaque le cerveau & oste tout à coup le mouvement & le sentiment.” (DAF, 1ª ed.); “Maladie qui attaque le cerveau, et qui ôte subitement la faculté des mouvemens volontaires” (DAF, 5ª ed.).

Gonorreia

Durante muitos anos, a **gonorreia** foi confundida com a sífilis, portanto não se pode precisar se as ocorrências encontradas no *corpus* se referem a uma ou a outra doença. Entretanto, é curioso o fato de as duas doenças receberem diferentes nomes, alguns deles variando de acordo com o país, sobretudo no caso da sífilis, que também era conhecida naquela época como **vérole** ou **grosse vérole**.

Além destes nomes, popularmente, ela era conhecida pelos franceses como mal vénitien, de Naples ou napolitan, pelos italianos, como mal francês, e pelos portugueses, como mal espanhol. Segundo os dicionários portugueses da época, a **gonorreia** também era conhecida como gálico, mal francês ou mal venéreo e, ainda, popularmente, como chaude-pisse e esquentamento, estes últimos obviamente por causa de seus sintomas. Vê-se a seguinte ocorrência no *corpus*:

- (17) [...] que servem para curar zunidos dos ouvidos, dor de dentes, **gonorrhéas**, morreimas, fluxos de sangue, preservar de aborto, vertigens, dores de cabeça, confortar os nervos, desfazer tumores, confortar, e fazer alvos os dentes, rebater os vapores do utero, provocar os mezes, matar lambrigas, etc. (GDL, 5 de julho de 1725)
- (18) Ne voit-on pas , dit-il , tous les jours des hommes qui vous consultent pour une maladie vénérienne et qui cependant n'ont eu qu'une seule **gonorrhé**, qu'ils font remonter à 20 ou 30 ans.⁶

Nos dicionários, encontram-se as seguintes definições: “é fluxo de materia e emanação continua pelo cano da ourina de humores, acres, mordazes e corruptos do contagio Gallico, impresso nos vasos seminarios e parastratas ou glândulas” (BLUTEAU, 1712-1728); “esquentamento em que ardor na urina e purgação pela uretra” (MORAES SILVA, 1813); “Flux involontaire de semence” (DAF, 1762); “Écoulement par le canal de l'urètre, qui est dû le plus souvent à une affection vénérienne” (DAF, 1798).

6 Ocorrência extraída da *Gazette Médicale de Paris*, de 21 de maio de 1831, Tomo 2, n. 21. Disponível em : <<http://goo.gl/Epzw9>>. Utiliza-se essa ocorrência apenas como ilustração, pois, apesar de os dicionários franceses consultados apresentarem a unidade *gonorrhé* em sua nomenclatura, não foram encontradas ocorrências no jornal *Gazette de France*, muito provavelmente por conta do tabu cultural.

Bexigas

O **mal de bexigas** aparece com bastante frequência nos textos da *Gazeta de Lisboa*, como se pode ver nos contextos seguintes:

- (19) [...] havendo falecido em Luneville de huma violenta doença de **bexigas**, que lhe acabou a vida dentro de 4 dias em 29 do passado. (GDL, 14 de setembro de 1715)
- (20) Faleceo em Namur de **bexigas** a 23 de Outubro, a Condessa Isabel Guilhelmina de Nassau d’Idyck, mulher do Conde Mauricio Luiz de Nassau Beverwert [...]. (GDL, 4 de janeiro de 1725)
- (21) O principe Manil de Saboya, que havia adoecido de **bexigas**, como se avizou a semana passada, faleceu na manhã de 28 de dezembro em idade de 42 annos. (GDL, 9 de fevereiro de 1730)
- (22) O mal de **bexigas** reina fortemente nesta Cidade, e tem levado grande numero de pessoas. (GDL, 18 de fevereiro de 1740)
- (23) Recebeu a Corte hum Expresso de Roma a 25 do passado com a noticia, de ser falecido de **bexigas** naquella Corte o Conde de Harrach [...].(GDL, 18 de fevereiro de 1740)
- (24) [...] deram noticia da morte do Conde de Lavague, filho do Principe de Masserano, morto em Novi de **bexigas** no dia antecedente. (GDL, 5 de outubro de 1745)
- (25) O principe de Condé vay bem na sua doença de **bexigas**. (GDL, 5 de fevereiro de 1750).
- (26) De Turin se escreve ser ali tam violento o mal de **bexigas**, que desde 15 de outubro passado tem perecido mais de 4U pessoas de toda a idade em ambos os sexos. (GDL, 19 de fevereiro de 1750).

O dicionário de Bluteau traz muitas informações sobre este mal:

[...] doença conhecida que cobre o couro de bostilas. Procede de um sangue viciado que causa esta efervescencia na massa sanguinaria e do sangue reconcentrado nas bostilas se gerãem uns pequenos abcessos com impressões corrosivas na pele, que nema deixam cicatrizes [...], é mal contagioso [...], ha bexigas negras, bexigas de pelo de lixa e bexigas doudas. (BLUTEAU, 1712-1728)

Pelas definições, percebe-se que se utilizava esse termo para designar diferentes tipos de doenças. Em Moraes Silva (1813), encontra-se: “espécie de empola que se ergue sobre a cutis, cheia de um humor acre e corrosivo”.

Pela designação usada em português, não foi possível encontrar a correspondência em lingua francesa. Desta forma, usou-se como base para a pesquisa o termo atual, pois o que era antigamente conhecido pelo nome de **bexigas** corresponde hoje a duas doenças: a **varíola** e a **varicela** (ou catapora). A partir desses dados e da verificação no *corpus*, encontram-se os correspondentes em francês: **petite verole** (mais frequente) ou **pourpre**.

- (27) Le fils unique du Comte de Guiscard, Ambassadeur de France en Suède, mourut, le 22 en cette Ville, de la **petite verole**. (GDF, 16 de janeiro de 1700)
- (28) Le même jour, l’Archiduc Charles se trouva indisposé, avec une grosse fièvre. On a reconnu depuis, que c’ étoit la **petite verole**, la fièvre est diminuée considerablement, & on le croid hors de danger. (GDF, 16 de janeiro de 1700)
- (29) Le Duc de Glocester fut attaqué à Windsor le 5 de ce mois, d’une fièvre très violente mefiée de **pourpre**, dont il mourut le 10. (GDF, 21 de agosto de 1700)

Pelas acepções listadas nos dicionários franceses, percebe-se a correspondência: “Sorte de maladie maligne qui paroist au dehors par de petites taches rouges qui viennent sur la peau” (DAF, 1694) ; e no TLFi (1606): “Toute maladie caractérisée par une éruption de boutons, de plaques rouges sur la peau (rubéole, rougeole, scarlatine, variole, etc.)”.

Tísica

Conhecida hoje como tuberculose, a **tísica** era bastante frequente nos séculos XVII e XVIII. Como a causa real dessa doença só foi conhecida no final do século XIX, outros males que provocavam os mesmos sintomas eram chamados de **tísica** (**phtisie** em francês). No *corpus*, encontra-se a seguinte ocorrência:

- (30) [...] 914 pessoas morrerão de bexigas, 462 de dentação, 612 de convulsões, 122 de catarraes, 42 mulheres sobre parto, 142 de febre quente, 119 de febres podres, 28 de hemorragias, 492 de molestias de peito, 1054 de **tísica**, 53 de hydropisia, 144 de asfyxia, 412 d’apoplexia, 25 de caneros, 15 de melancolia, 242 de velhice, &c. (GDL, 19 de fevereiro de 1790)

Em seu dicionário, Bluteau (1712-1728) diz que esta doença se caracteriza por “febre lenta, tosse, escarros de sangue e materia saniosa ou purulenta, que pouco a pouco atenuam o corpo”, e explica se tratar de:

[...] qualquer atenuação ou emaciação do corpo, mais particularmente aquela que procede de chagas no bofe [...], é uma exulceração do bofe, que insensivelmente derrete todo o corpo [...], causada de um humor acre e corrosivo.

Na primeira edição do Dicionário da Academia Francesa (1694), encontra-se : “Sorte de maladie qui desseche tout le corps, & qui est accompagnée d’une grande langueur”.

Sezonismo ou febre terçã

Esta doença é conhecida hoje como paludismo ou malária, mas na época em estudo era designada por **febre terçã** (**fièvre tierce**). Era uma doença frequente na Europa e muitos estudiosos afirmam que foi levada às Américas pelos colonizadores. Sabe-se que, por exemplo, Cristovão Colombo era portador dessa doença, e que os jesuítas espanhóis encontravam um certo conforto para esse mal em técnicas que eram usadas pelos Incas para tratar de febres⁷ mais brandas.

Em 1717, o médico italiano Giovanni Maria Lancisi, na publicação *De noxiis paludum effluviis eorumque remediis*, provou que a doença era transmitida por uma mosca, que era mais frequente em regiões de manguezais, e lhe deu o nome de malária (maus ares). As ocorrências são da *Gazette de France*:

- (31) Le Prince de Monaco Ambassadeur de France est malade depuis quelques jours, de la **fièvre tierce**, pour laqu’elle il a esté saigné deux fois [...]. (GDF, 02 de janeiro de 1700)
- (32) Le Cardinal Nerli est depuis quatre jours, incommodé d’unes **fièvre double tierce**: & le Cardinal Durazzo est aussi malade à Florence d’une **fièvre tierce**. (GDF 25 de setembro de 1700)

⁷ Informação obtida em Kaufman e Ruveda (2005, p. 854-85).

Embora os dicionários de língua portuguesa cite a **febre terçãa**, não foram encontradas ocorrências na *Gazeta de Lisboa*, que traz apenas febres malignas, contagiosas, quentes, podres e febre amarela. Segundo esses dicionários, a febre terçãa é a “que dura dois dias consecutivos, procede de colera, que apodrece em dous lugares fora dos vasos maiores” (BLUTEAU, 1712-1728) e é um tipo de febre periódica ou errática, com repetição, “que torna a acometer dentro de dias certos” (MORAES SILVA, 1813).

Nos dicionários de francês, encontra-se **tierce** entre os tipos de febres descritos no verbete **fièvre**. No TLFi (1606) encontra-se na entrada **tièrce**: “Fièvre tierce - Variété de fièvre intermittente dont les crises reviennent le troisième jour, laissant entre elles un jour d’intervalle”, “Fièvre tierce doublée - Fièvre intermittente où il y a deux accès tous les deux jours avec un jour d’apyrexie”; “Fièvre double tierce - Fièvre où le malade a tous les jours des accès alternativement semblables, de sorte que le premier répond au troisième, le deuxième au quatrième, ainsi de suite”.

Pedra nos rins

O problema de cálculos renais já era conhecido no século XVIII, como pode ser visto na seguinte ocorrência da *Gazeta de Lisboa*:

- (33) ElRey, que esteve alguns dias muy doente do seu **achaque de pedra**, se achava já convalecido [...]. (GDL, 6 de julho de 1745)

Nos dicionários, encontramos as seguintes definições: “doença, calculo que dos humores crassos e viscosos e endurecidos com o calor natural se forma nos rins ou na bexiga e impede as vias de ourina” (BLUTEAU, 1712-1728). “Une maniere de maladie appelée La pierre ou Gravelle, Calculus, Lithiasis ; La pierre engendrée au corps de l’homme, Humanus calculus” (TLF, 1606); “Pierre, se dit encore De l’amas de sable et de gravier qui se forme en pierre dans les reins, dans la vessie ou dans quelque autre partie du corps” (DAF, 1762).

Fato interessante é que os mesmos dicionários, na entrada cálculo, dizem se tratar de um uso antiquado para tratar das pedras nos rins: “Calcul, signifie aussi, la maladie de la pierre, soit dans les reins, soit dans la vessie. Il a le calcul. Il est vieux & hors d’usage”.

Aborto (avortement / fausse couche / couche avant terme)

Nas gazetas também foram encontrados termos que tratam da finalização involuntária da gestação, como pode ser visto nos exemplos:

- (34) [...] servem para curar zunidos dos ouvidos, dor de dentes, gonorrheas, morreimas, fluxos de sangue, preservar de **aborto**, vertigens, dores de cabeça, confortar os nervos, desfazer tumores, confortar, e fazer alvos os dentes, rebater os vapores do utero, provocar os mezes, matar lambrigas, etc. (GDL, 5 de julho de 1725)
- (35) L’Amnassadrice de Venise est dangereusement malade dune **fausse couche** qu’elle a faite. (GDF, 25 de setembro de 1700)
- (36) L’Ambassadrice de Venise, qui avoit esté malade à l’extrémité, pour estre **accouchée avant terme**, est entièrement guérie. (GDF, 02 de outubro de 1700)

Na 1ª edição do *Dicionário da Academia Francesa* (1694), na entrada **avortement** é dada como definição “accouchement avant terme”, mas os exemplos tratam de um aborto provocado. No *Dictionnaire Critique de la Langue Française* (FERAUD, 1787-1788), encontra-se a diferenciação de uso:

L'avortement est l'accouchement avant terme. Avorter, c'est donc accoucher avant le terme ordinaire; mais en parlant des femmes, il ne se dit que d'un avortement volontaire et criminel, ou causé par un accident [...] ; Avorter se dit ordinairement des femelles des animaux.

O mesmo é explicado em outra edição do dicionário da Academia Francesa (1798):

En parlant Des femmes, on ne le dit guère que d'un accouchement avant terme provoqué par des moyens criminels. Procurer un avortement à une femme, au moyen de quelque breuvage. Lorsque l'accouchement avant terme a lieu par quelque accident, ou par l'effet d'une mauvaise constitution, on l'appelle fausse couche.

No francês essa diferenciação permanece até hoje, enquanto no português ela não existe. Em português, fala-se de aborto espontâneo ou natural e de aborto provocado. No dicionário de Bluteau (1712-1728), aborto é definido como “impreteita emissão do feto ou ação de parir ante tempo. [...] também se diz da criatura que morre no ventre da mãe, ainda que não saísse à luz do mundo [...]”.

Considerações finais

O estudo dos termos da medicina usados nas gazetas da França e de Portugal nos séculos XVII e XVIII proporciona a ampliação do conhecimento não apenas dessa ciência, que estava se consolidando naquela época, mas também da maneira de pensar daquelas sociedades. Ele também confirma uma correspondência entre a maioria dos termos, o que reafirma a ideia de que as informações publicadas nestes jornais circulavam em diversos países.

A principal característica da terminologia da medicina daquela época, pelo que se pôde verificar nesta sucinta pesquisa, é a sua relação com a teoria hipocrática dos humores, ou teoria dos quatro humores, que foi a principal explicação racional sobre a saúde e a doença entre o século 4 a.C. e o século XVII. Segundo essa teoria, a vida seria mantida pelo equilíbrio entre quatro humores: sangue, fleuma, bÍlis amarela e bÍlis negra, relacionados, respectivamente, ao coração, sistema respiratório, fÍgado e baço. As doenças se deveriam a um desequilÍbrio entre os humores.

Percebe-se que as unidades encontradas no *corpus* eram de uso corrente e que os leitores dos dois jornais tinham algum conhecimento sobre elas. Pelas definições encontradas nos dicionários, confirma-se a filiação do conhecimento médico da época à teoria de Hipócrates, pois nas definições das doenças sempre há menção ao desequilÍbrio dos humores como causa.

REFERÊNCIAS

- ARTHROLINK. *Osteoarthritis Encyclopaedia*. Disponível em: <<http://www.arthrolink.com/eng/actualites/dossier-la-une/tous-les-dossiers/tous-les-dossiers-la-une/arthrose-dans-l-histoire-parti-4>>. Acesso em: 03 jan. 2011.
- BAUDET, J. C. Histoire du vocabulaire de spécialité, outil de travail pour l'historien des sciences et des techniques. In: VV. AA. *Terminologie diachronique*. Actes du Colloque, Bruxelles, CILF, 1988. p. 56-67.
- BLUTEAU, R. *Vocabulario portuguez & latino: aulico, anatomico, architectonico...* Coimbra: Collegio das Artes da Companhia de Jesus, 1712-1728. 8 v.
- BOURET, B.; TREVES, R.; MARC, J-F. Affection rhumatismales dans la peinture artistique. In: CNIT – *Congrès français de rhumatologie*. Paris, 2009. Disponível em: <http://www.publication3d.com/kiosque/cimpppa/_files/PDF-V1071-Lite_DVL_00/index_voix.html>. Acesso em: 05 jan. 2011.
- CABRÉ, M. T. *La terminologia: representación y comunicacion*. Barcelona: Institut Universitari de Linguística Aplicada, 1999.
- DICTIONNAIRE de *l'Académie française*. 1. ed. Paris: Jean Baptiste Coignard, 1694. Disponível em: <<http://artfl.atilf.fr/dictionnaires/ACADEMIE/PREMIERE/premiere.fr.html>>. Acesso em: 04 jan. 2011.
- DICTIONNAIRE de *l'Académie française*. 4. ed. Paris: Vve B. Brunet, 1762. Disponível em: <<http://artfl.atilf.fr/dictionnaires/ACADEMIE/QUATRIEME/quatrieme.fr.html>>. Acesso em: 04 jan. 2011.
- DICTIONNAIRE de *l'Académie française*. 5. ed. Paris: J. J. Smits et Ce., Imp.-Lib, 1798. Disponível em: <<http://artfl.atilf.fr/dictionnaires/ACADEMIE/CINQUIEME/cinquieme.fr.html>>. Acesso em: 04 jan. 2011.
- FÉRAUD, J-F. *Dictionnaire critique de la langue française*. Marseille: Mossy, 1787-1788. Disponível em: <<http://dictionnaires.atilf.fr/dictionnaires/FERAUD/index.html>>. Acesso em: 04 jan. 2011.
- GAUDIN, F. *Socioterminologie: une approche sociolinguistique de la terminologie*. Bruxelles: De Boeck & Larcier, 2003.
- GAZETTE *médicale de Paris*: Journal de médecine et des sciences accessoires. Paris, 1831. Disponível em: <<http://books.google.ca/books?id=PHNEAAAACAAJ&hl=pt-BR&pg=PP1#v=onepage&q&f=false>>. Acesso em: 16 out. 2012.
- KAUFMAN, T.; RUVEDA, E. The quest for quinine: those who won the battles and those who won the war. *Angewandte Chemie International Edition*, v. 44, p. 854–885, jan. 2005.
- LITTRE, E. *Dictionnaire de la langue française*. Paris, 1863. Disponível em: <<http://francois.gannaz.free.fr/Littre/accueil.php>>. Acesso em: 07 jan. 2011.

MORAES SILVA, A. *Diccionario da lingua portugueza* - recopilado dos vocabularios impressos ate agora, e nesta segunda edição novamente emendado e muito acrescentado. Lisboa: Typographia Lacerdina, 1813. Disponível em: <<http://www.brasiliana.usp.br/diccionario/edicao/2>>. Acesso em: 09 jan. 2011.

NICOT, J. *Le Thresor de la langue françoise, tant ancienne que moderne*. Paris: David Douceur, 1606. Disponível em : <<http://artfl.atilf.fr/dictionnaires/TLF-NICOT/index.htm>>. Acesso em: 07 jan. 2011.